

Geração Z na Periferia: perspectivas de carreira de jovens periféricos no mercado de trabalho do Rio de Janeiro

ANA LETÍCIA MAGALHÃES DE OLIVEIRA

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ" - USP

LUIZ HENRIQUE DA SILVA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

ANA PAULA PEREIRA DOS PASSOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)

Agradecimento à orgão de fomento:

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Geração Z na Periferia: perspectivas de carreira de jovens periféricos no mercado de trabalho do Rio de Janeiro

Introdução

A passagem para a vida adulta exige dos jovens competências necessárias para a realização de tarefas de desenvolvimento que os tornarão capazes de gerir sua própria vida. A escolha de carreira é uma dessas tarefas, considerada complexa, que demanda maturidade para que a tomada de decisão seja feita de forma autônoma e consciente (Junqueira & Melo-Silva, 2014). Os indivíduos precisam gerenciar suas escolhas de carreira e ter a capacidade de identificar e avaliar oportunidades profissionais (Lee et al., 2013). O apoio ao desenvolvimento de carreira dos jovens tornou-se um foco de atenção, principalmente devido às constantes mudanças no mercado de trabalho (Zhang et al., 2018).

A carreira hoje é caracterizada por empregos intermitentes, o que torna as relações no ambiente de trabalho mais vulneráveis (Oltramari et al., 2019). Seu desenvolvimento é guiado por uma variedade de fatores que moldam comportamentos e elucidam os valores que impulsionam o cenário profissional (Chaicoski et al., 2021). Em meio a essas novas realidades, a Geração Z, também conhecida como Gen Z, iGen ou pós-millennials (nascidos entre 1995 e 2012), surgiu como a mais recente adição à força de trabalho a partir de 2017. Esses jovens enfrentam um ambiente econômico e social em rápida transformação e altamente tecnológico, o que impacta profundamente suas perspectivas de carreira e sua adaptação às dinâmicas emergentes do mercado (Barhate & Dirani, 2022).

As perspectivas de carreira da Geração Z abrangem uma cultura organizacional atraente, equilíbrio entre vida profissional e pessoal, e estabilidade. Eles esperam que as organizações apoiem seu desenvolvimento de carreira, considerando suas necessidades em termos de aprendizado, mentoria e crescimento (Barhate & Dirani, 2022). Influenciados pela abertura às questões globais e por uma elevada consciência dos direitos civis, muitos buscam profissões alinhadas com suas convicções morais e que possam impactar positivamente a sociedade (Vijayalakshmi & Manorselvi, 2024). Com um perfil de nativos digitais, essa geração utiliza suas habilidades tecnológicas, criatividade e espírito empreendedor para alinhar suas altas expectativas com as demandas do mercado (Buford, 2022).

No entanto, as condições socioeconômicas dos jovens desempenham um papel crucial na escolha e perspectiva de carreira (Mesquita et al., 2023). A juventude tende a refletir características que são moldadas pelo contexto cultural em que estão inseridos, tornando essencial considerar a diversidade de modos de vida e as particularidades dos sistemas sociais nos quais vivem. No Brasil, os jovens das periferias enfrentam uma exclusão persistente em uma sociedade marcada por profundas desigualdades e contradições (Galvão & Marsico, 2023). Para muitos, assumir o papel de principal provedor de renda familiar ou cuidar dos irmãos mais novos exige que comecem a trabalhar cedo, o que se torna uma necessidade imperativa. Esse cenário dificulta a aquisição das habilidades e preparação necessárias para o mercado de trabalho, limitando o acesso a empregos melhores que poderiam melhorar suas condições de vida e perpetuando o ciclo de exclusão (Soares et al., 2021).

A juventude periférica enfrenta precarização do trabalho e segregação devido ao local de residência, com empregadores preferindo candidatos que moram mais perto para economizar com transporte, perpetuando o estigma sobre esses jovens (Soares et al., 2021). A longa jornada até oportunidades disponíveis na cidade impõe grandes desafios, como destacado por Grisolia e de Castro (2022), que mencionam o esforço psicológico significativo requerido dos jovens da periferia para continuarem a investir em sua educação e adentrar no mercado de trabalho. Esses jovens lidam com uma realidade de informalidade e falta de interesse das organizações em desenvolver suas habilidades (Dourado & Zambroni, 2023; Oliveira, 2011). A falta de

investimento público em infraestrutura e serviços nas periferias agrava a situação, dificultando o acesso a oportunidades de desenvolvimento profissional e contribuindo para um ambiente de exclusão e marginalização (Bittencourt & Faria, 2021).

Diante do exposto, esta pesquisa se justifica pela emergência do estudo da Geração Z, que ainda apresenta lacunas na literatura sobre suas perspectivas de carreira, especialmente em relação ao comportamento no ambiente de trabalho. Embora existam estudos quantitativos sobre a carreira dessa geração, há uma necessidade premente de pesquisas qualitativas para uma compreensão mais aprofundada de seu contexto (Barhate & Dirani, 2022). Assim, futuras investigações devem expandir o estudo dos fatores que influenciam a escolha de carreira da Geração Z e explorar outros antecedentes relevantes dessa decisão (Harb et al., 2024). Este estudo, portanto, tem como objetivo compreender as perspectivas de carreira dos jovens da Geração Z oriundos de áreas periféricas no mercado de trabalho do Rio de Janeiro.

Referencial Teórico

Escolha de carreira

A escolha de carreira dos jovens da Geração Z é um processo complexo e multifacetado, influenciado por uma ampla gama de fatores. Entre esses fatores, estão os aspectos psicológicos, familiares, educacionais, sociais, econômicos e políticos, que afetam tanto o sucesso quanto a adequação da decisão (Bordão-Alves & Melo-Silva, 2008). Essa escolha estabelece suas atividades laborais por um período prolongado, tornando essencial a análise dessa decisão no contexto escolar e familiar (Soares et al., 2023). Salami e Aremu (2007) mostram que, na Nigéria, os alunos escolhem suas profissões com base nos desejos de seus pais, em vez de seus próprios interesses, valores e habilidades, indicando que a escolha profissional está mais ligada à satisfação familiar do que às capacidades pessoais. Liu et al. (2020) apontam que pais tradicionais frequentemente direcionam a carreira dos filhos para alinhar com suas expectativas e intervêm para alterar a situação quando acham que os filhos não possuem as qualidades necessárias para certas profissões.

No entanto, ouvir os desejos e perspectivas dos jovens e orientá-los favorece um amadurecimento e uma decisão mais assertiva (Soares et al., 2023). Isso possibilita que a escolha seja alinhada aos seus próprios interesses, aspirações, valores e crenças, aumentando a probabilidade de uma experiência satisfatória (Bordão-Alves & Melo-Silva, 2008). O planejamento de carreira pessoal realizado pelos jovens facilita a construção de uma trajetória profissional adequada, permitindo que, ao concluírem a universidade, evitem investir esforços em atividades que não proporcionem realização pessoal (Monteiro & Leite, 2019). A escolha de carreira não é uma decisão definitiva, mas deve estar em consonância com as habilidades e circunstâncias do jovem no momento (Soares et al., 2023).

Os jovens podem ter suas escolhas moldadas pelo contexto cultural em que estão inseridos (Galvão & Marsico, 2023). Gibbons et al. (2019) apontam que jovens de áreas rurais enfrentam barreiras significativas, como responsabilidades familiares, limitações financeiras e falta de preparação para o ensino superior. Esses jovens frequentemente possuem informações imprecisas sobre a educação superior, resultando em uma grande discrepância entre suas percepções e a realidade. Por sua vez, Dourado e Zambroni (2023) destacam que, devido às dificuldades econômicas, os jovens de áreas periféricas frequentemente aceitam qualquer tipo de trabalho disponível, muitas vezes em condições informais, como uma forma de enfrentar a escassez de oportunidades e garantir sua sobrevivência. Assim, a escolha de carreira dos jovens é influenciada tanto pelo sistema educacional quanto pelas condições socioeconômicas (Berlato et al., 2021).

Jovens da periferia no mercado de trabalho

A periferia é socialmente definida pela ausência de recursos em comparação com as áreas mais abastadas da cidade, e, por isso, as experiências de seus moradores refletem essas limitações (Galvão & Marsico, 2023). A realidade na periferia vai além da segregação, envolvendo desigualdades em níveis social, econômico, educacional e cultural, o que resulta em mínimas chances de ascensão social ou econômica para os moradores e, na maioria das vezes, limitando-os à reprodução da força de trabalho disponível para o capital (Negri, 2008). Além disso, esses moradores geralmente enfrentam uma localização afastada dos serviços essenciais e da rede de transporte (Vignoli, 2008). As barreiras e os altos custos de mobilidade reduzem seu acesso a oportunidades de emprego, saúde e educação, contribuindo para uma qualidade de vida inferior e limitando suas chances de escapar da pobreza (Lucas, 2012).

A juventude periférica enfrenta a precarização do trabalho e a segregação devido ao local de residência, pois os empregadores preferem candidatos que moram mais perto para economizar com transporte, perpetuando assim o estigma sobre esses jovens (Soares et al., 2021). Os moradores da periferia gastam mais tempo no transporte para acessar as oportunidades disponíveis na cidade (Carneiro et al., 2019). Por exemplo, Grisolia e de Castro (2022) destacam que o trajeto entre a residência e a universidade, a segregação social e racial, e as exigentes demandas acadêmicas impõem grandes desafios aos jovens da periferia, requerendo um esforço psicológico significativo para que continuem a investir em sua educação e adentrar no mercado de trabalho.

A exclusão dos jovens periféricos do mercado de trabalho resulta tanto do contexto econômico desfavorável quanto do racismo estrutural (Alencar, 2021). A participação desses jovens no mercado é caracterizada pela predominância da informalidade e pela falta de interesse das organizações em absorver e desenvolver suas habilidades (Oliveira, 2011). Termos como precariedade, flexibilização e informalidade são frequentemente utilizados para descrever a situação laboral dos jovens residentes na periferia (Abílio, 2020). A falta de investimento público em infraestrutura e serviços nas periferias agrava ainda mais essa situação, dificultando o acesso a oportunidades de desenvolvimento profissional (Bittencourt & Faria, 2021). Portanto, a soma de todos esses fatores cria um ambiente de exclusão e marginalização que é difícil de romper sem intervenções estruturais significativas.

Metodologia

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, empregando entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados 16 jovens da geração Z (nascidos entre 1995 e 2012), todos maiores de 18 anos, filiados a uma Organização Não Governamental (ONG) com mais de 20 anos de atuação, sediada na cidade do Rio de Janeiro. Esses jovens participam de um programa originalmente concebido para capacitá-los e criar um impacto positivo em suas vidas e comunidades. O programa visa promover o crescimento pessoal e profissional dos jovens, fortalecendo simultaneamente suas famílias e comunidades.

Os convites para participação nas entrevistas foram intermediados pela ONG, que selecionou os jovens conforme o perfil estabelecido. Os critérios de seleção incluíram diversidade de territórios, distribuição equitativa entre mulheres e homens, e experiências profissionais atuais ou anteriores. Foram selecionados 8 mulheres e 8 homens, representando 11 territórios periféricos distintos. Para garantir o anonimato dos participantes, foram usados pseudônimos de personagens da obra "Dom Casmurro" de Machado de Assis (1971).

As características dos entrevistados estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização das entrevistas

Entrevistado	Código	Idade	Gênero	Território	Atividade atual
Jovem 1	Camila	23	Feminino	Tanque	Supervisora de farmácia
Jovem 2	Capitu	26	Feminino	São Cristóvão	Cuidadora de idosos
Jovem 3	Bento	21	Masculino	Maré	Auxiliar em loja de construção
Jovem 4	Cabral	22	Masculino	Del Castilho	Sushman
Jovem 5	Fortunata	25	Feminino	Mangueira	Auxiliar administrativa
Jovem 6	Castro	24	Masculino	Cidade de Deus	Agente comunitário
Jovem 7	Escobar	22	Masculino	Cidade de Deus	Produção de eventos
Jovem 8	Glória	21	Feminino	Providência	Auxiliar administrativa
Jovem 9	Justina	24	Feminino	Mangueira	Auxiliar administrativa
Jovem 10	Pádua	24	Feminino	Pavuna	Operadora de caixa
Jovem 11	Rita	23	Feminino	Providência	Estudante
Jovem 12	Sancha	23	Feminino	Cidade de Deus	Leiturista de relógio de água
Jovem 13	Ezequiel	26	Masculino	Borel	Coordenador de eventos
Jovem 14	José	25	Masculino	Engenho Novo	Atendente de museu
Jovem 15	Lopes	23	Masculino	Borel	Entregador de comida
Jovem 16	Marcelo	26	Masculino	Prazeres	Assistente de projetos

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

A coleta de dados foi conduzida online, por meio de videochamadas utilizando as plataformas "Google Meet" e "WhatsApp". As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, elaborado com base em quatro categorias de análise pré-definidas: (1) mercado de trabalho e escolhas profissionais, (2) influência da periferia na carreira, (3) a carreira da Geração Z na periferia, e (4) perspectivas de carreira da Geração Z na periferia. O roteiro de perguntas foi adaptado do estudo de Bispo et al. (2022) para se adequar ao contexto dos jovens periféricos. Antes das entrevistas, o entrevistador obteve a autorização dos participantes, que concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, totalizando uma duração de 6 horas e 22 minutos, e posteriormente foram transcritas na íntegra.

Para o processo de análise de dados, adotou-se a abordagem proposta por Bardin (2011) de análise de conteúdo, que foi estruturada em três etapas: 1) organização, que envolveu a preparação e organização dos dados coletados, incluindo a escuta dos áudios gravados, realização de anotações e leitura das transcrições; 2) exploração do material, no qual os dados coletados foram codificados e categorizados de acordo com as categorias previamente definidas; e 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação, onde as categorias e subcategorias foram analisadas para identificar relacionamentos, padrões ou tendências nos dados coletados.

Resultados e Discussão

A seguir são expostos e discutidos os dados das entrevistas realizadas com os 16 jovens periféricos da Geração Z.

Escolha de carreira e ingresso no mercado de trabalho

Durante os relatos dos entrevistados, verificou-se que dos 16 jovens, 15 estavam empregados, enquanto 1 jovem, apesar de ter experiência profissional anterior, estava se dedicando exclusivamente aos estudos. Quanto aos entrevistados que estão trabalhando, a maioria deles está empregada no setor do comércio, seguido pelo setor administrativo e pelo setor de eventos. Foi observado que a maioria ingressou no mercado de trabalho antes de completar 18 anos e ocupavam cargos de natureza informal, tais como babá (Camila), lavador de carros (Cabral) e reformador de estofados (Castro).

Os jovens entrevistados sentem que não tem muitas opções e acabam aceitando empregos com base no que o mercado oferece. Marcelo relatou que o seu ingresso no mercado de trabalho não foi uma escolha pessoal, mas ocorreu devido às oportunidades disponíveis em sua comunidade. Ele contou que, em vez de fazer uma escolha deliberada, adaptava-se às oportunidades que surgiam para garantir uma fonte de renda. A maioria dos jovens afirmou que não fez uma escolha consciente, mas começou a trabalhar por uma questão de ‘necessidade’, conforme destacado nas declarações:

Na verdade eu não escolhi. Também não que seja o que sobrou. Foi uma amiga da minha tia que falou dessa profissão [...] eu não quis ir muito, mas como eu estava saindo do emprego e eu não queria gastar com besteira, eu fiz o curso e me formei (Capitu).

Eu não tive muita escolha. Eu quis entrar no mercado de trabalho para ter a minha independência, então o primeiro que aparecesse estava bom (Lopes).

As escolhas profissionais são influenciadas por fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, psicológicos e familiares, limitando-a à realidade dos jovens, sendo muitas vezes chamada de "escolha profissional possível" (Soares, 2002). Embora a maioria dos jovens entrevistados tenha tido seu primeiro contato com o mercado de trabalho por meio de atividades informais, eles aspiram novas oportunidades com melhores condições de trabalho. O jovem Cabral relatou que atua como sushiman, mas planeja concluir seus estudos e seguir uma carreira em educação física, seu campo de interesse profissional.

Observou-se que, muitas vezes, as novas oportunidades encontradas por esses jovens, ocorreu por meio do programa Jovem Aprendiz e de projetos vinculados a ONGs. Enquanto o programa Jovem Aprendiz é uma via comum para o ingresso no trabalho formal, as ONGs foram destacadas como mediadoras essenciais. Os projetos da ONG oferecem treinamento e facilitam a integração dos jovens periféricos no mercado de trabalho. Sancha relatou que, após procurar emprego em diversos lugares, conseguiu participar de processos seletivos somente com o auxílio da ONG, que a qualificou profissionalmente e ajudou a reduzir o estigma associado à sua comunidade de origem.

Nessa linha, para os jovens da periferia da Geração Z, a trajetória de carreira é uma adaptação contínua às oportunidades disponíveis em seu ambiente imediato. Dourado e Zamboni (2023) observam que, devido aos desafios econômicos, os jovens periféricos tendem a aceitar qualquer emprego disponível, muitas vezes informal, em um cenário de escassez de vagas e necessidade de sobrevivência. Em contrapartida, os jovens da Geração Z com acesso à educação de qualidade encontram caminhos mais claros para suas carreiras ao pertencerem a instituições e grupos de apoio (Bispo et al., 2022).

Essa diferença evidencia a desvantagem competitiva significativa enfrentada pelos jovens periféricos desde o início de suas trajetórias profissionais. Berlato et al. (2020), em sua pesquisa com 3.247 jovens do ensino médio de escolas públicas em uma cidade do interior de São Paulo, constataram que os processos de reprodução das classes sociais são evidentes e limitam as perspectivas de carreira desses jovens. Os jovens de classes mais baixas tendem a ter comportamentos inseguros e estagnados em relação ao futuro após o ensino médio, enquanto os de famílias com maior renda mostram comportamentos variados, entre decisão e indecisão, sobre a escolha profissional.

Deslocamento e segregação dos jovens da periferia para atuação no mercado de trabalho

Indivíduos que residem em comunidades periféricas enfrentam o estigma associado a essas áreas, pois as favelas são ligadas à pobreza e à criminalidade. Esse estigma tende a prejudicar a construção da identidade dos jovens dessas regiões, dificultando o pleno reconhecimento de suas habilidades, que são consideradas importantes para o mercado de trabalho (Jesus, 2021). A maioria dos jovens entrevistados reconhece que ter crescido em suas comunidades teve um impacto direto em suas vidas. No entanto, ao contrário das presunções comuns, alguns jovens, como Ezequiel e Castro, relataram essa influência de maneira positiva. Eles mencionaram que viver na periferia lhes proporcionou acesso a eventos culturais, festas, shows e esportes, os quais despertaram seu interesse. Esses jovens estão cientes dos desafios enfrentados em seus territórios, mas também veem as comunidades periféricas como espaços ricos em cultura e criatividade.

No que diz respeito às influências negativas, a maioria dos jovens mencionou o olhar preconceituoso do mercado de trabalho vindo de fora de suas comunidades. Eles relataram que já perderam oportunidades de emprego ou conhecem alguém que tenha perdido oportunidades devido ao fato de morarem na periferia. Os recrutadores frequentemente evitam contratar jovens periféricos, temendo que faltem ao trabalho durante conflitos armados na comunidade ou devido a estereótipos relacionados ao envolvimento com o crime. Isso reforça o estereótipo social associado aos moradores de periferia e cria desafios adicionais para o acesso ao mercado de trabalho formal.

Como alternativa, jovens como Capitu e Bento mencionaram que evitam falar que moram em comunidades periféricas, fornecendo o nome de um bairro próximo ao empregador.

Eles (os recrutadores) fazem perguntas desnecessárias. ‘Mas como você vai trabalhar?’ É normal, da mesma forma que uma pessoa que mora na zona sul vai. Tem transporte. Só descer e pegar os transportes. Aí envolvem o tiroteio e perguntam se o tráfico não atrapalha (Justina).

Se eu não dissesse que morava em (nome de bairro) ou algum bairro próximo, o povo já achava que eu era de comunidade e ia fazer alguma coisa (Capitu).

Negri (2008) demonstra que um morador de um bairro periférico de baixa renda tem poucas chances de melhorar sua situação social ou econômica, já que viver nessas áreas envolve o enfrentamento de desigualdades em termos de oportunidades sociais, econômicas, educacionais, de renda e cultura. Os jovens entrevistados percebem que as oportunidades de emprego são desiguais quando comparadas às opções disponíveis para jovens que residem em áreas mais privilegiadas da cidade. Por exemplo, Marcelo mencionou que os tipos de trabalho oferecidos aos jovens periféricos costumam ser operacionais e menos qualificados, o que aumenta as barreiras de acesso ao mercado formal. Cabral e Justina enfatizaram que, para aqueles com mais acesso e conexões, a entrada no mercado de trabalho muitas vezes ocorre por meio de relacionamentos pessoais, facilitando a obtenção de emprego. Enquanto isso, os jovens periféricos precisam enfrentar processos seletivos tradicionais e lutar para conquistar seu espaço no mercado de trabalho.

Os relatos dos jovens destacam que, mesmo dentro dessas comunidades periféricas, existem variações significativas nos graus de exclusão. Muitos jovens observaram que, mesmo nas áreas periféricas, residir em "favelas turísticas" ou em comunidades próximas ao centro da cidade oferece mais oportunidades em comparação com aquelas localizadas em áreas mais remotas. Isso ressalta a complexidade das experiências dos jovens periféricos e a influência das nuances locais em suas perspectivas de carreira. Carneiro et al. (2019) identificaram, em sua

pesquisa sobre a acessibilidade às oportunidades das 33 Regiões Administrativas do Rio de Janeiro, uma distribuição desigual, na qual as áreas mais distantes do centro urbano apresentam menor acessibilidade devido à alta concentração de empregos nas regiões centrais e às grandes distâncias que as separam dos centros de trabalho. Essas barreiras dificultam o acesso das regiões periféricas a oportunidades de emprego, saúde, educação e lazer (Lucas, 2012).

Desafios enfrentados pelos jovens da periferia no mercado de trabalho

Os jovens periféricos enfrentam desafios adicionais significativos no mercado de trabalho. Após ingressarem em suas carreiras, metade dos entrevistados relatou ter enfrentado discriminação racial explícita ou estrutural, além de preconceito relacionado ao fato de residirem em comunidades periféricas. Esses obstáculos dificultam a construção de relações mais saudáveis com o mercado de trabalho, uma vez que muitos jovens se sentem obrigados a não reclamar, seja por falta de confiança na resolução dos problemas ou pela necessidade de manter o emprego.

A seguir, a jovem Camila descreve essa situação:

Quando eu era atendente 1, diversas vezes eu já passei humilhação por causa da minha cor. Quando a gente é atendente 1, a gente faz entrega. Já teve vezes de não me deixarem subir no apartamento por eu ser negra, já me deixaram ficar na chuva por causa disso. Teve uma moça que falou que não ia receber a entrega porque era eu que estava levando. Nesse dia ela até me chamou de 'isso'. Ela falou que era um absurdo uma empresa desse porte mandar 'isso' fazer entrega para mim (Camila).

O racismo foi identificado como um obstáculo significativo na busca e manutenção de empregos no mercado de trabalho. Características como a cor da pele, o tipo de cabelo e a origem foram apontadas como critérios discriminatórios durante os processos de seleção, dificultando não apenas a obtenção de emprego, mas também a permanência nas posições conquistadas. Os jovens frequentemente se sentem inseguros para reagir a situações humilhantes, temendo perder suas vagas. Essas barreiras evidenciam a hostilidade do mercado de trabalho em relação aos talentos dos jovens periféricos, perpetuando um ciclo de exclusão violento e persistente.

Grisolia e Castro (2022) constataram que os jovens da periferia enfrentam exaustão física e psicológica ao se deslocarem para o centro, além de lidar com a segregação e discriminação social e racial, sendo frequentemente vistos como diferentes dos demais jovens. Soares et al. (2021) constataram que, à medida que os jovens da periferia não se qualificam conforme os padrões do mercado de trabalho, eles enfrentam dificuldades para acessar melhores oportunidades de emprego, o que perpetua o ciclo de exclusão e intensifica a discriminação e o preconceito que esses jovens já enfrentam.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a maioria dos jovens entrevistados expressou uma avaliação positiva de sua trajetória até o momento, mesmo que ainda não se sintam totalmente realizados. Essa visão positiva é atribuída principalmente à sua habilidade de superar desafios e conquistar espaço, apesar das barreiras impostas pelo mercado de trabalho. Eles destacam sua resiliência e a capacidade de transformar adversidades em oportunidades, o que lhes permite manter uma perspectiva otimista sobre seu progresso. Esses jovens almejam crescer, alcançar estabilidade, ter a liberdade de escolher e moldar seu futuro profissional conforme suas preferências, e se tornar referência para outros jovens da periferia.

Os jovens da periferia enfrentam os riscos e as dificuldades, mas também criam estratégias de sobrevivência e interação de forma ativa com o seu entorno (Galvão & Marsico,

2023). Almeida et al. (2020) verificaram que jovens mulheres da periferia buscam ser referência e modelos para outras pessoas da família, reconhecendo a importância da identificação e do espelhamento para ampliar as possibilidades dos mais jovens, além de valorizar os modelos em suas próprias trajetórias. Assim, a trajetória desses jovens revela não apenas a resiliência e a capacidade de adaptação diante das adversidades, mas também o papel que desempenham como agentes de mudança e inspiração para a próxima geração.

Perspectivas de carreira dos jovens de periferia da Geração Z

Apesar do contexto desfavorável, os jovens da Geração Z residentes em áreas periféricas mantêm uma postura otimista em relação às suas perspectivas profissionais. Eles enxergam oportunidades de crescimento em suas funções atuais e acreditam que o esforço e a dedicação ao trabalho podem levar a recompensas. Por exemplo, Sancha pretende avançar de leiturista de água para um cargo administrativo na empresa onde trabalha, e Lopes, que atua como entregador de refeições em uma pensão, almeja concluir o ensino médio para melhorar sua remuneração. Camila, uma supervisora de farmácia sonha em se tornar proprietária de sua própria marca, enquanto Ezequiel que trabalha com eventos aspira a seguir a carreira policial. Esses relatos exemplificam a determinação desses jovens em superar suas circunstâncias atuais e buscar uma realização profissional que esteja alinhada com suas paixões e interesses.

Observou-se que a maioria desses jovens enxerga o futuro com esperança e aspira a empregos em áreas que realmente os motivam. As aspirações dos jovens em áreas periféricas apresentam semelhanças com as dos jovens da empresa júnior estudados por Bispo et al. (2022), principalmente no que diz respeito à visão otimista e positiva sobre o futuro. Entretanto, enquanto os jovens periféricos buscam crescimento profissional, estabilidade financeira e desenvolvimento nas áreas que lhes interessam, os membros da empresa júnior tendem a ter perspectivas de carreira focadas em empreendedorismo, consultoria e trajetórias acadêmicas. Além disso, uma pesquisa com jovens envolvidos em startups demonstra que suas perspectivas também incluem o empreendedorismo, muitas vezes com uma orientação para o contexto internacional (Melo et al., 2019).

Os relatos demonstraram que os jovens periféricos da Geração Z se sentem incapazes de realizar uma transição de carreira de forma planejada e não veem meios de entrar no mercado de trabalho por conta própria. Quando questionados sobre os obstáculos que enfrentam para atuar nas posições que almejam, as queixas mais comuns referem-se à falta de tempo e de recursos financeiros. Embora tenham aspirações de atuar em áreas distintas, esses jovens não acreditam possuir a estabilidade financeira necessária para efetuar essa transição.

Eu ainda estou em uma fase de crescimento nessa área, então ainda sinto que que eu não poderia me dar ao luxo de fazer uma troca nesse momento. Seria muito arriscado, eu acho que seria necessário me estabilizar, ter condições um pouco mais adequadas para poder fazer essa transição ou poder conectar o que eu faço hoje (com a área desejada) (Marcelo).

Os jovens entrevistados também relataram enfrentar obstáculos significativos ao tentar aproveitar as oportunidades de educação e emprego, devido à ausência de uma rede de apoio que viabilize o acesso e a manutenção dessas oportunidades.

Creio que (o que dificulta a minha carreira seja) o financeiro e o fator da disponibilidade, porque como eu dependo do meu emprego para ajudar minha mãe e tudo mais, que agora não está tão bem financeiramente, eu não posso,

por exemplo, parar o meu trabalho para focar em outra coisa, por exemplo no estudo (José).

Eu moro no centro e estudo em Botafogo. Lá é uma escola particular, mas eu ganhei uma bolsa de 100%, então eu estudo de graça. Só que tem a questão de passagem, ônibus ida e volta, questão de lanche. [...] Nem sempre consigo ir estudar (Rita).

Assim, a falta de recursos e apoio adequado limita as oportunidades de transição de carreira e acesso a melhores perspectivas dos jovens periféricos da Geração Z. Para transformar essas aspirações em realidade, se faz necessário fortalecer as redes de apoio e criar políticas que ofereçam suporte financeiro e educacional, permitindo que esses jovens possam superar os desafios e alcançar seu pleno potencial. Bittar (2015) constatou que as conexões com a esfera de sociabilidade e a forma como enfrentaram as crises pode explicar as trajetórias distintas entre os jovens periféricos. Soares e Jacobi (2000) identificaram que a adoção de práticas voltadas para a redução de danos pode fortalecer os jovens e prevenir desfechos trágicos, promovendo uma abordagem mais eficaz para enfrentar os desafios enfrentados por eles.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo compreender as perspectivas de carreira dos jovens da Geração Z oriundos de áreas periféricas no mercado de trabalho do Rio de Janeiro. Os resultados revelaram um panorama complexo e desafiador para esses jovens, destacando a limitação de escolhas ao iniciar suas carreiras, frequentemente motivada pela necessidade urgente de encontrar emprego, o que os leva a aceitar posições informais. Os jovens entrevistados relataram que, a vida na periferia pode oferecer acesso a projetos culturais e esportivos, mas também prejudica suas perspectivas profissionais ao criar obstáculos significativos, como discriminação e estereótipos relacionados ao seu território, durante os processos de seleção.

O racismo, tanto explícito quanto velado, foi identificado como um obstáculo significativo no processo de busca de emprego e na manutenção de posições no mercado de trabalho para os jovens periféricos da Geração Z. Verificou-se ainda que, a necessidade de sobrevivência se sobrepõe à escolha profissional e, devido à frequente inserção no mercado informal, esses jovens percebem que não possuem a liberdade de escolher suas ocupações até conquistarem uma segurança financeira. Eles demonstram uma visão otimista em relação ao futuro profissional, caracterizada pelo desejo de crescimento e pela aspiração de trabalhar em áreas que os apaixonam.

Desde cedo, esses jovens estão inseridos no mercado de trabalho e desenvolvem um conjunto diversificado de habilidades por meio de suas experiências profissionais e pessoais. No entanto, essas habilidades frequentemente não são adequadamente reconhecidas e valorizadas pelo mercado, principalmente devido às barreiras impostas pelo preconceito e pela estigmatização. Isso ressalta a necessidade de um compromisso coletivo para construir um mercado de trabalho mais inclusivo e acessível. Espera-se que os resultados deste trabalho possam orientar o desenvolvimento de políticas educacionais e sociais focadas na eliminação de barreiras discriminatórias, na promoção da igualdade de oportunidades e no aprimoramento da qualificação dos jovens periféricos, com o objetivo de assegurar uma integração eficaz desses talentos no mercado de trabalho formal.

Algumas limitações significativas deste trabalho são a amostra de 16 jovens, todos da periferia do Rio de Janeiro, ao qual não representa a totalidade dos jovens periféricos em outros estados no Brasil, limitando a generalização dos resultados. O foco em participantes da ONG

pode introduzir um viés, já que eles podem ter acesso a oportunidades diferentes das disponíveis para outros jovens da periferia. O estudo também não explorou profundamente questões de gênero, orientação sexual e raça, que podem influenciar as trajetórias profissionais.

Para futuras pesquisas, recomenda-se ampliar a amostra para diferentes regiões do Brasil e investigar o impacto de gênero, orientação sexual e raça nas oportunidades dos jovens periféricos. Sugere-se também, comparar jovens de ONGs com aqueles fora desse contexto, analisar o papel da tecnologia digital na inclusão profissional, e realizar estudos longitudinais para acompanhar suas trajetórias são essenciais. Avaliar a eficácia de políticas e programas voltados para a inclusão desses jovens também pode fornecer insights valiosos para melhorar a igualdade de oportunidades.

Referências

- Abílio, L. C. (2020). Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos estudos CEBRAP*, 39(3), 579-597.
- Alencar, A. V. D., & Silva, E. F. D. (2021). Revisão sistemática sobre trabalho, racismo e sofrimento psíquico no contexto brasileiro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(spe2).
- Almeida, T. M. C. D., Brasil, K. T., Viana, D. M., Lisniewski, S., & Ganem, V. (2020). A passos largos: meninas da periferia rumo à universidade e seus dilemas psicossociais. *Sociedade e Estado*, 35(01), 101-134.
- Assis, M. (1971). *Dom Casmurro*: Machado de Assis. Lia, Editor S/A.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barhate, B., & Dirani, K. M. (2022). Career aspirations of generation Z: a systematic literature review. *European Journal of Training and Development*, 46(1/2), 139-157.
- Berlato, H., Mendes, L., & Andretta, D. (2021). Perspectivas de carreira de jovens do ensino médio de escolas públicas: transgressão ou reprodução das condições sociais?. *Cadernos EBAPE. BR*, 18, 865-876.
- Bispo, A. C. K. A., Silva, M. G. C., Lira, G. P., & de Lima, T. A. P. (2022). Perspectivas de carreira da geração Z: um estudo na Empresa Júnior de Administração da Universidade Federal da Paraíba. *Revista de Ciências da Administração*, 24(63).
- Bittar, M. (2015). Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 47-61.
- Bittencourt, T. A., & Faria, J. R. V. D. (2021). Distribuição de investimentos públicos, infraestrutura urbana e desigualdade socioespacial em Curitiba. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 13, e20190300.
- Bordão-Alves, D. P., & Melo-Silva, L. L. (2008). Maturidade ou imaturidade na escolha da carreira: uma abordagem psicodinâmica. *Avaliação Psicológica*, 7(1), 23-34.
- Buford, M. V. (2022). Characteristics, Engagement, Learning, and Career Aspirations of Generation Z. In *Mapping the Future of Undergraduate Career Education* (pp. 25-37). Routledge.
- career development process of high school students in ibadan, nigeria. *Career Development International*, 12(7), 596-616.
- Carneiro, M., Toledo, J., Aurélio, M., & Orrico, R. (2019). Espriamento urbano e exclusão social. Uma análise da acessibilidade dos moradores da cidade do Rio de Janeiro ao mercado de trabalho. *EURE (Santiago)*, 45(136), 51-70.

- Chaicoski, M., Forlin, J. V., & Baade, J. H. (2021). As âncoras de carreira da geração z. *Revista Visão: Gestão Organizacional*, 115-127.
- Dourado, A. D., & Zambroni-de-Souza, P. C. (2020). Motivação e trabalho: investigação sobre a experiência dos jovens no primeiro emprego. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 10(2), 5-20.
- Galvão, A. A., & Marsico, G. (2023). Time-Space of Youth from the Periphery: an Analysis from Cultural Psychology Perspective. *Trends in Psychology*, 31(1), 31-49.
- Gibbons, M. M., Taylor, A. L., Brown, E., Daniels, S. K., Hardin, E. E., & Manring, S. (2020). Assessing postsecondary barriers for rural appalachian high school students. *Journal of Career Assessment*, 28(1), 165-181.
- Grisolia, F. S., & de Castro, L. R. (2022). From the Periphery to the Center: Young People's Agonistic Pathways Towards Higher Education. *Canadian Journal of Family and Youth*, 14(1), 192-206.
- Harb, A., Harb, Y., Alakaleek, W., Alhammad, F. A., Alzboun, N., & Al-Omar, S. (2024). Understanding the relationship between individual characteristics, self-efficacy beliefs and career aspirations of generation Z in tourism and hospitality: can gender and major make difference?. *Journal of Teaching in Travel & Tourism*, 24(2), 107-133.
- Jesus, L. E. S. (2021). A Periferia urbana e o reconhecimento social: uma análise a partir da escola. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 26(2), 380-398.
- Junqueira, M. L. & Melo-Silva, L. L. (2014). Maturidade para a escolha de carreira: estudo com adolescentes de um serviço-escola. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(2), 187-199.
- Lee, I. H., Rojewski, J. W., & Hill, R. B. (2013). Classifying Korean adolescents' career preparedness. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 13, 25-45.
- Liu, Y., Mao, Y., & Wong, C. S. (2020). Theorizing parental intervention and young adults' career development: a social influence perspective. *Career Development International*, 25(4), 415-428.
- Lucas, K. (2012). Transport and social exclusion: Where are we now?. *Transport policy*, 20, 105-113.
- Melo, A. D. O., Tavares, M. V. B., Felix, B. D. S., & Santos, A. C. B. (2019). Identidade da geração Z na gestão de startups. *Revista Alcance*, 26(3), 320-333.
- Mesquita, F. C., Aleixo, Á., Nunes, D. L. S., & Theodório, D. P. (2023). Perspectivas profissionais de adolescentes no ensino médio. *Revista Científica UMC*, 8(2).
- Monteiro, M. D. S. H., & Leite, D. B. (2019). Perspectivas de carreira dos estudantes de administração da Universidade Federal de Mato Grosso: comparativo entre os estudantes das gerações X e Y. *Navus - Revista de Gestão e Tecnologia*, 9(1), 87-104.
- Negri, S. M. (2008). Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises. *Coletâneas do nosso tempo*, 8(08), 129-153.
- Oliveira, S. R., & Piccinini, V. C. (2011). Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. *Revista de Administração Pública*, 24(4), 766-775.
- Oltramari, A. P., Córdova, R., & Tonelli, M. J. (2019). Trabalhador-consumidor: a atração de jovens pelo employer branding na escolha profissional. *Cadernos EBAPE. BR*, 17, 750-764.
- Salami, S. O., & Aremu, A. (2007). Impact of parent-child relationship on the

- Soares, A. A., Mansueto, A. P. S. M., Silva, L. M. M. da, Nascimento, V. P. M., Prata, T. B. S., & Assunção, M. M. S. de. (2021). Segregação e desigualdade: percepção de jovens periféricos sobre a realidade em que estão inseridos. *Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 6(11), 1-20.
- Soares, C. B., & Jacobi, P. R. (2000). Adolescentes, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 213-237.
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. Grupo Editorial Summus.
- Soares, N. M., Rockenbach, L., da Silva, O. A. F., & de Oliveira, K. D. S. (2023). A orientação profissional e a escolha de carreira de jovens. *Revista INTER EDUCA*, 5(3), 154-168.
- Vignoli, J. R. (2008). Movilidad cotidiana, desigualdad social y segregación en cuatro metrópolis de América Latina. *EURE*, 34(103), 49-71.
- Vijayalakshmi, P., & Manorselvi, A. (2024). A Study On Career Aspiration And Their Effect On Work Values Among Gen Z: A Contextual Investigation At Chennai City. *Educational Administration: Theory and Practice*, 30(5), 9409-9415.
- Zhang, J., Yuen, M., & Chen, G. (2018). Teacher support for career development: An integrative review and research agenda. *Career Development International*, 23(2), 122-144.